

Herman Gombiner abriu um olho. Era assim que ele acordava toda manhã: pouco a pouco, primeiro um olho, depois o outro. Seu olhar encontrou um teto rachado e parte do prédio do outro lado da rua. Tinha ido para a cama de madrugada, por volta das três. Levou muito tempo para dormir. Agora eram quase dez horas. Ultimamente, Herman Gombiner vinha sofrendo uma espécie de amnésia. Quando levantava durante a noite, não conseguia lembrar quem era, onde estava, nem mesmo seu nome. Levou alguns segundos para entender que não estava mais em Kalomin, nem em Varsóvia, mas em Nova York, no norte da cidade, em uma das ruas que fica entre a avenida Columbus e Central Park West.

Era inverno. O vapor chiava no radiador. A Segunda Guerra Mundial tinha acabado fazia tempo. Herman (ou Hayim David, como era chamado em Kalomin) tinha perdido a família com os nazistas. Agora era editor, revisor e tradutor numa editora hebraica chamada Zion. Ficava na rua do Canal. Era um solteirão de quase cinquenta anos, e doente.

“Que horas são?”, resmungou. Estava com a língua grossa, os lábios rachados. Sentia dor nos joelhos, a cabeça latejando, um gosto amargo na boca. Com esforço levantou-se, pousando os pés no tapete gasto que cobria o chão. “O que é isso? Neve?”, murmurou. “Bom, é inverno.”

Ficou um tempo parado à janela, olhando. Os carros quebrados estacionados na rua sobressaíam da neve como relíquias de uma civilização há muito desaparecida. Geralmente a rua estava cheia de lixo, barulho e crianças: negras e porto-riquenhas. Mas agora o frio mantinha todo mundo dentro de casa. A calma, a brancura o fizeram pensar em sua velha terra, Kalomin. Herman cambaleou até o banheiro.

O quarto era uma alcova com espaço para uma cama apenas. A sala estava cheia de livros. Uma parede tinha armários do chão ao teto e junto à outra havia duas estantes. Livros, jornais e revistas por todo lado, empilhados. Pelo contrato, o proprietário era obrigado a pintar o apartamento a cada três anos, mas Herman Gombiner tinha subornado o superintendente para não ser perturbado. Muitos dos seus velhos livros se desmanchariam se fossem deslocados. Por que pintura nova era melhor que velha? A poeira se acumulara em camadas. Um único camundongo havia descoberto o apartamento e toda noite Herman lhe deixava um pedaço de pão, uma fatiazinha de queijo e um pires de água para evitar que roesse os livros. Graças a Deus, não tinha procriado. De vez em quando, se aventurava para fora do seu buraco mesmo com a luz acesa. Herman tinha lhe dado até um nome hebraico: Huldah. Seus olhinhos como bolhas olhavam para ele com curiosidade, tinha perdido o medo dele.

O prédio em que Herman morava tinha muitos defeitos, mas não faltava aquecimento. Os radiadores chiavam desde manhã cedo até tarde da noite. O proprietário, um porto-riquenho, não permitia que os filhos de seus moradores passassem frio nunca.

Não havia chuveiro no banheiro e Herman tomava banho de banheira todos os dias. Atrás da porta havia um espelho rachado ao meio e Herman deu uma olhada em si mesmo: um homem baixo, com um pijama grande demais, reduzido a pele e osso, com pescoço comprido e cabeça grande, um tufo de cabelo grisalho nascendo de cada lado. A testa era larga e profunda, o nariz adunco, as maçãs do rosto salientes. Só nos olhos escuros com cílios longos como de moça restava algum traço de juventude. Às vezes pareciam até brilhar de astúcia. Muitos anos de leitura e de atenção às letras miúdas não tinham comprometido a visão nem provocado miopia. A força que restava no corpo de Herman Gombiner, um corpo gasto pela doença e pela subalimentação, parecia estar concentrada em seu olhar.

Fez a barba lenta e cuidadosamente. Sua mão, de dedos longos, tremia, e

ele podia facilmente se cortar. Enquanto isso, a banheira ia se enchendo de água morna. Despiu-se e ficou surpreso com a própria magreza: peito estreito, braços e pernas ossudos; havia vazios profundos entre o pescoço e os ombros. Entrar na banheira era um esforço, mas depois ficar deitado na água tépida era um alívio. Herman sempre perdia o sabonete. Escorregava de suas mãos, brincalhão, como uma coisa viva, e ele ficava procurando na água. "Está fugindo para onde?", dizia. "Bandido!" Acreditava que tudo tinha vida, que os objetos chamados inanimados tinham seus caprichos e vontades.

Herman Gombiner considerava estar entre os poucos privilegiados que viam além da fachada dos fenômenos. Tinha visto um mata-borrão levantar sozinho da escrivaninha, flutuar lenta e instavelmente até a porta e, uma vez lá, descer suavemente, como se estivesse suspenso por um fio invisível manejado por uma mão oculta. A coisa toda havia sido completamente sem sentido. Por mais que Herman pensasse, era incapaz de formular qualquer razão para o que havia acontecido. Tinha sido um desses acontecimentos extraordinários que não podem ser explicados nem pela ciência, nem pela religião, nem pelo folclore. Depois Herman abaixou-se, pegou o mata-borrão e colocou de volta em cima da mesa, onde estava até hoje, coberto de papéis, empoeirado e ressecado, um objeto inanimado que por um momento tinha de alguma forma se livrado das leis da física. Herman Gombiner sabia que não tinha sido nem alucinação nem sonho. Ocorrera numa sala bem-iluminada, às oito horas da noite. Ele não estava doente, nem mesmo mal-humorado naquele dia. Nunca bebia álcool e estava plenamente desperto. Encontrava-se parado perto da cômoda, a ponto de pegar um lenço da gaveta. De repente, seu olhar foi atraído para a escrivaninha e vira o mata-borrão subir e flutuar. E não tinha sido o único incidente desse tipo. Essas coisas vinham lhe acontecendo desde a infância.

Tudo demorava um longo tempo: tomar banho, enxugar-se, vestir a roupa. Correr não era com ele. Sua competência era resultado de determinação. Os revisores da Zion trabalhavam tão depressa que deixavam passar erros. Os tradutores dificilmente perdiam tempo conferindo no dicionário significados de que não tinham certeza. A maioria dos hebraístas americanos, e mesmo israelenses, sabia pouco sobre os pontos vocálicos e as sutilezas da gramática. Herman Gombiner tinha encontrado tempo para estudar todas essas coisas. Verdade que trabalhava muito devagar, mas o velho Morris Korver, que era dono da Zion, e mesmo seus filhos, meio cristãos, sempre valorizaram o fato de que a reputação da

casa havia sido conquistada por Herman Gombiner. Morris Korver, porém, tinha ficado velho e senil e a Zion corria o risco de fechar. Circulava o boato de que seus filhos mal podiam esperar o velho morrer para liquidar o negócio.

Mesmo que quisesse, era impossível para Herman fazer qualquer coisa depressa. Quando caminhava, seus passos eram miúdos. Levava meia hora para tomar uma tigela de sopa. Procurar a palavra certa no dicionário ou conferir alguma coisa na enciclopédia podia exigir horas de trabalho. As poucas vezes em que se apressou acabaram em desastre; tinha quebrado o pé, torcido a mão, caído na escada, tinha até sido atropelado. As menores coisas haviam se transformado em problema para ele: fazer a barba, se vestir, levar a roupa para lavar na lavanderia chinesa, comer no restaurante. Atravessar a rua também era um problema, porque a luz nem bem tinha ficado verde e já ficava vermelha de novo. Os que sentavam atrás da direção possuíam a velocidade e a moral de autômatos. Se uma pessoa não conseguia correr, eram capazes de passar por cima. Recentemente, tinha começado a sofrer de tremores nas mãos e nos pés. Tivera antes uma meticulosa caligrafia, mas não conseguia mais escrever. Usava uma máquina de escrever, datilografando com o indicador da mão direita. O velho Korver insistia que todos os problemas de Gombiner vinham do fato de ser vegetariano; sem um pedaço de carne, perde-se a força. Herman não conseguiria comer um bocado de carne nem que sua vida dependesse disso.

Herman calçou uma meia e descansou. Calçou a segunda meia e descansou de novo. O ritmo de seu pulso estava lento: cinquenta e poucas batidas por minuto. O menor esforço e ficava tonto. A alma mal sobrevivia em seu corpo. Tinha acontecido algumas vezes de estar deitado na cama ou sentado numa cadeira, e seu espírito deixar o corpo e vagar pela casa ou mesmo sair pela janela. Ele vira o próprio corpo desmaiado, parecendo morto. Quem podia enumerar as aparições, os incidentes telepáticos, as visões clarividentes e os sonhos proféticos que tinha experimentado? E quem acreditaria nele? O que acontecia era que seus colegas de trabalho riam dele. Bastava um copo de conhaque e o Korver mais velho chamava Herman de ingênuo supersticioso. Era tratado como um personagem de outro mundo.

Havia muito Herman Gombiner tinha chegado à conclusão de que o homem moderno era tão fanático em sua descrença quanto o homem antigo havia sido em sua fé. O racionalismo da atual geração era em si mesmo um exemplo de idéias preconcebidas. Comunismo, psicanálise, fascismo e radicalismo

eram as palavras de ordem do século xx. Ah, bom! O que podia ele, Herman Gombiner, fazer diante de tudo isso? Não tinha escolha senão observar e calar.

“Bom, é inverno, inverno!”, Herman Gombiner disse a si mesmo com uma voz meio cantada, meio gemida. “Quando será Hanuká? O inverno começou cedo este ano.” Herman tinha o hábito de falar sozinho. Sempre fizera isso. O tio que o criara era surdo. A avó, que descansa em paz, acordava no meio da noite para recitar orações de penitência e lamentações encontradas apenas em antigos livros de orações. O pai tinha morrido antes de Herman (Hayim David) nascer. A mãe casou de novo em uma cidade distante e teve filhos com o segundo marido. Hayim David sempre cuidou-se sozinho, mesmo quando freqüentava o cheder e estudava na yeshiva. Agora, desde que Hitler matara toda a sua família, não tinha parentes a quem escrever cartas. Escrevia cartas a estranhos.

“Que horas são?”, Herman perguntou a si mesmo. Vestiu um terno escuro, camisa branca e gravata preta e entrou na quitinete. Ali havia uma geladeira sem gelo e um fogão que nunca usava. Duas vezes por semana, o leiteiro deixava uma garrafa de leite na porta. Herman tinha algumas latas de vegetais, que comia nos dias em que não saía de casa. Tinha descoberto que o ser humano precisa de muito pouco. Para Herman, um par de sapatos durava cinco anos. Terno, casaco e chapéu não gastavam nunca. Só a roupa que ia ao tintureiro apresentava algum desgaste, e mesmo assim não pelo uso, mas pelos produtos químicos que o chinês usava. A mobília decerto não se desgastava. Se não fosse pelos gastos com táxis e presentes, poderia economizar um bom dinheiro.

Tomou um copo de leite e comeu um biscoito. Depois vestiu cuidadosamente o casaco preto, o cachecol de lã, galochas e um chapéu de feltro de aba larga. Arrumou a pasta com livros e manuscritos. Estava ficando dia a dia mais pesada, não porque tivesse mais coisas dentro, mas porque sua força estava diminuindo. Colocou óculos escuros para proteger os olhos da claridade da neve. Antes de sair do apartamento, disse adeus à cama, à escrivaninha com suas pilhas de papel (debaixo das quais estava o mata-borrão), aos livros e ao camundongo em seu buraco. Tinha jogado fora a água parada de ontem, enchido de novo o pires e deixado um biscoito e um pedacinho de queijo. “Bom, Huldah, fique bem!”

No corredor soavam rádios. Mulheres de pele escura, cabelo despenteado e olhos ferozes falavam num espanhol excepcionalmente carregado. Crianças corriam, seminuas. Aparentemente, os homens estavam desempregados. Anda-

vam, preguiçosos, pelos quartos lotados, comendo de pé ou tocando bandolins. Herman ficou tonto com o cheiro dos apartamentos. Ali se fritava todo tipo de carne e peixe. Os corredores fediam a alho, cebola, fumaça e a algo penetrante e nauseabundo. À noite, os vizinhos dançavam e riam lascivamente. Às vezes havia brigas, e mulheres gritavam por socorro. Uma vez, uma mulher tinha ido esmurrar a porta de Herman no meio da noite, buscando proteção contra um homem que tentava esfaqueá-la.

II.

No térreo, Herman parou nas caixas de correio. Os outros moradores raramente recebiam correspondência, mas toda manhã a caixa de Herman Gombiner estava sempre cheia. Ele tirou a chave, os dedos tremendo, enfiou no buraco e puxou a correspondência. Pelo envelope conseguia identificar quem havia mandado as cartas. Alice Grayson, de Salt Lake City, usava envelope rosado. A sra. Roberta Hoff, de Pasadena, Califórnia, mandava toda sua correspondência nos envelopes timbrados da empresa funerária em que trabalhava. A srta. Bertha Gordon, de Fairbanks, Alasca, parecia ter uma grande sobra de envelopes de cartões de Natal. Hoje, Herman encontrou carta de uma nova correspondente, a sra. Rose Beechman, de Louisville, Kentucky. Na parte de trás do envelope, seu nome e endereço em letras de fôrma enfeitadas, feitas à mão. Além das cartas, havia diversas revistas sobre ocultismo que Herman Gombiner assinava, da América, da Inglaterra e até da Austrália. Não havia espaço em sua pasta para todas essas cartas e periódicos, então Herman os enfiou no bolso do casaco. Saiu e esperou um táxi.

Era raro passar um táxi por aquela rua, principalmente vazio, mas andar meio quarteirão até Central Park West ou a avenida Columbus era esforço demais para ele. Herman Gombiner combatia sua fraqueza com orações e auto-sugestão. Parado na neve, murmurou uma prece por um táxi. Colocava repetidamente a mão no bolso e tocava as cartas em seus envelopes. Essas cartas e revistas tinham se transformado na essência de sua vida. Através delas, estabelecia contato com almas. Conquistara a amizade e até o amor de mulheres. Os relatos que delas recebia fortaleciam sua crença nos poderes psíquicos e no mundo do além. Mandava presentes para suas correspondentes desconhecidas e recebia

presentes delas. Elas o chamavam pelo nome de batismo, revelavam seus pensamentos, sonhos, esperanças e as mensagens que recebiam na tábua de Ouija, por escrita automática, na mesa giratória e por outros meios sobrenaturais.

Herman Gombiner tinha começado a se corresponder com essas mulheres por meio das revistas que assinava, onde eram publicados não só relatos de experiências de leitores, mas também os nomes e os endereços dos correspondentes. Os artigos eram escritos principalmente por mulheres. Herman Gombiner escolhia sempre as que moravam longe. Queria evitar encontros. Era capaz de sentir pela forma como era descrita a experiência, pelo nome ou endereço, se uma mulher seria capaz de manter correspondência. Quase nunca errava. Uma pequena nota dele provocava uma longa carta de resposta. Às vezes recebia manuscritos inteiros. Sua correspondência tinha ficado tão grande que só de selos gastava alguns dólares por semana. Muitas de suas cartas eram mandadas registradas ou por entrega especial.

Os milagres eram ocorrência diária. Assim que terminou a oração, um táxi apareceu. O motorista parou diante da casa como se tivesse recebido uma ordem telepática. Entrar no táxi deixou Herman exausto, e ele ficou um bom tempo sentado com a cabeça apoiada na janela e os olhos fechados, agradecendo ao Poder que ouvira a sua súplica. Só um cego não via a mão da Providência, ou como se quisesse chamar isso. Alguém se ocupava das mais triviais necessidades do homem.

Quando seu espírito saía do corpo, parecia vagar pelos mais distantes lugares. Todas as suas correspondentes o tinham visto. Uma noite, esteve em Los Angeles e na Cidade do México, em Oregon e na Escócia. Sentia que uma de suas amigas distantes estava doente, e pouco depois recebia uma carta dizendo que ela estivera mesmo doente e hospitalizada. Ao longo dos anos, diversas morreram, e em todas as vezes ele teve uma premonição.

Durante as últimas semanas, Herman estava com a forte sensação de que a Zion ia fechar. Verdade que isso vinha sendo predito fazia anos, mas Herman sempre soube que era apenas um boato. E só recentemente os funcionários tinham ficado otimistas: os negócios estavam melhorando. O velho falava de um déficit, mas todo mundo sabia que ele estava mentindo, para não aumentar os salários. A casa tinha publicado um livro de orações que era best-seller. O novo dicionário de hebreu-inglês que Herman Gombiner estava terminando tinha toda chance de vender dezenas de milhares de exemplares. Mesmo assim, Her-

man sentia uma calamidade, com a mesma certeza com que joelhos reumáticos pressentem uma mudança do tempo.

O táxi desceu pela avenida Columbus. Herman olhou pela janela e fechou os olhos de novo. O que existe para se ver em um dia de inverno em Nova York? Ficou envolto em sua melancolia. Independentemente de quantos agasalhos vestisse, estava sempre com frio. Além disso, fica-se menos alerta aos espíritos, aos contatos espirituais durante o tempo frio. Herman levantou mais a gola e enfiou as mãos nos bolsos. Os países frios desenvolviam um tipo violento de civilização. Não devia nunca ter se estabelecido em Nova York. Se estivesse vivendo no sul da Califórnia, não seria escravo do tempo desse jeito. Ah, bom... E existia alguma editora judaica no sul da Califórnia?

III.

O táxi parou na rua do Canal. Herman pagou a tarifa e acrescentou cinquenta centavos de gorjeta. Era frugal consigo mesmo, mas quando se tratava de motoristas de táxi, garçons e ascensoristas, era generoso. Na época de Natal, até comprava presentes para seus vizinhos porto-riquenhos. Hoje, Sam, o ascensorista, devia estar tomando um café do outro lado da rua, e Herman teve de esperar. Sam fazia o que queria. Vinha da mesma cidade que Morris Korver. Era o único ascensorista, de forma que quando não sentia vontade de vir trabalhar, quem trabalhava no prédio tinha de subir a escada. Além disso, era comunista.

Herman esperou dez minutos até Sam aparecer: um homem baixo, de costas largas, com uma cara que parecia ter sido composta de peças que não combinavam: testa curta, sobrelhas cerradas, olhos saltados com grandes bolsas embaixo e um nariz de batata coberto de verrugas vermelhas como cerejas. Seu andar era instável. Herman cumprimentou, mas ele resmungou uma resposta. Tinha um jornal esquerdista ídiche enfiado no bolso de trás. Não fechou de imediato a porta do elevador. Primeiro tossiu diversas vezes, depois acendeu um charuto. De repente, cuspiu e falou: "Já soube da novidade?"

"O que aconteceu?"

"Venderam o prédio."

"Aha, então é isso!", Herman disse a si mesmo. "Venderam? Como assim?", perguntou.

“Como assim? Porque o velho esperto está caduco e os filhinhos dele não estão nem aí. É uma garagem que vai ter aqui. Vão derrubar o prédio e jogar os livros no lixo. Ninguém vai receber um tostão desses fascistas desgraçados!”

“Quando foi isso?”

“Foi e pronto.”

Bom, eu *sou* clarividente, Herman pensou. Ficou quieto. Durante anos o pessoal da editora falara de se filiar a um sindicato e fazer um fundo de pensão, mas tudo não passou de conversa. O velho Korver tinha se encarregado disso. Os salários eram baixos, mas de vez em quando ele escorregava para alguns dos seus cupinchas um bônus de cinco ou dez dólares. Dava dinheiro no Hanuká, mandava presentes de Purim e agia em geral como um patrão europeu da velha-guarda. Os que se opunham a ele eram despedidos. Os contadores e os outros funcionários talvez pudessem conseguir empregos em outros lugares, mas os escritores e os editores não teriam para onde ir. O judaísmo estava se tornando uma especialidade minguante na América. Quando judeus morriam, seus livros religiosos e hebraicos eram doados para bibliotecas ou simplesmente jogados fora. O hitlerismo e a guerra tinham provocado um temporário ressurgimento dele, mas não o suficiente para tornar lucrativa a publicação de obras religiosas em hebraico.

“Bom, acabaram-se os sete anos de vacas gordas”, Herman murmurou para si mesmo. O elevador subiu ao terceiro andar. Dava diretamente na sala editorial, uma sala ampla de teto baixo, mobiliada com escrivaninhas antigas e máquinas de escrever superadas. Até os telefones eram antigos. A sala cheirava a poeira, cera e a algo abafado e amanhecido.

Raphael Robbins, editor-chefe de Korver, estava sentado em uma cadeira estofada e lia um manuscrito, os óculos na ponta do nariz. Sofria de hemorróidas e tinha problemas de próstata. Homem de meia altura, tinha ombros largos, cabeça redonda e uma barriga saliente. Debaixo dos olhos pendiam-lhe dobras de pele solta. Seu rosto expressava uma bondade de avô e uma astúcia de mulher velha. Durante anos sua principal tarefa foi almoçar com o velho Korver. Robbins era sabidamente vaidoso, mentiroso e lisonjeador. Possuía uma biblioteca de livros pornográficos, remanescente de sua juventude. Como Sam, vinha da mesma cidade de Morris Korver. O filho de Raphael Robbins, físico, tinha trabalhado na bomba atômica. Sua filha casara-se com um rico corretor de Wall Street. O próprio Raphael Robbins acumulara algum capital e já tinha idade su-

ficiente para receber sua pensão da Segurança Social. Enquanto lia o manuscrito, Robbins coçava a calva e sacudia a cabeça. Raramente devolvia um manuscrito, e muitos deles estavam jogados por ali, acumulando poeira em cima da mesa, em suas duas estantes e nos armários da copa onde os funcionários faziam chá.

O homem que tinha enriquecido Morris Korver e em cujos ombros repousara a casa editora durante muitos anos era o professor Yohanan Abarbanel, um compilador de dicionários. Ninguém sabia de onde vinha o seu título. Nunca recebera um diploma nem freqüentara uma universidade. Dizia-se que o velho Korver tinha feito dele um professor. Além de compilar diversos dicionários, Abarbanel havia editado uma coleção de sermões com citações para rabinos, escrito livros de estudos para meninos no bar-mitzvá e elaborado outros manuais que tiveram muitas edições. Solteirão em seus setenta anos, Yohanan Abarbanel tivera um ataque do coração e sofrera uma cirurgia de hérnia. Trabalhava por uma ninharia, vivia num hotel barato e todo ano se afligia com a possibilidade de ser despedido. Tinha diversos parentes pobres que sustentava. Era um homem pequeno, de cabelo branco e barba branca, e rosto pequeno, vermelho como uma maçã congelada; seus olhinhos se escondiam debaixo de sobrelhas brancas hirsutas. Ficava sentado à mesa e chiava e tossia, escrevendo o tempo todo numa caligrafia minúscula com uma caneta de aço. Nos últimos anos, não se podia contar que fosse terminar qualquer trabalho sozinho. Cada palavra era relida por Herman Gombiner, e todo o manuscrito tinha de ser reescrito.

Por alguma razão, ninguém no escritório cumprimentava ninguém com um “olá” ou um “bom dia” ao chegar, nem dizia nada ao final do expediente. Durante o dia, porém, ocasionalmente trocavam algumas palavras amigáveis. Podia até acontecer de, não tendo se dirigido a outro durante meses, um deles ir até um colega abrir o coração ou convidar para jantar. Mas aí, na manhã seguinte, comportava-se de novo como se tivessem brigado. Ao longo dos anos, foram ficando entediados uns com os outros. Reclamações e ressentimentos se acumulavam e nunca eram completamente esquecidos.

A srta. Lipshitz, a secretária, que tinha começado a trabalhar na Zion recém-saída da faculdade, estava agora completamente grisalha. Sentava-se à máquina de escrever, pequena, rechonchuda e ereta, com seu pescoço curto e peito farto. Tinha nariz de cachorrinho e olhos que pareciam nunca olhar para o manuscrito que estava datilografando, e sim ao longe, atravessando as paredes. Os

dias passavam sem que se ouvisse sua voz. Ela murmurava no telefone. Quando almoçava no restaurante do outro lado da rua, sentava sozinha à mesa, comia, fumava e lia o jornal simultaneamente. Houve tempo em que todo mundo no escritório, inclusive o velho sr. Korver, ficou aberta ou secretamente apaixonado por essa moça inteligente que sabia inglês, iídiche, hebraico, estenografia e muito mais. Costumavam convidá-la para ir ao teatro e ao cinema, e brigavam para levá-la para almoçar. Mas fazia anos que a srta. Lipshitz se isolara. O velho Korver dizia que ela havia se encerrado atrás de uma parede invisível.

Herman acenou com a cabeça, mas ela não respondeu. Ele passou pelo escritório de Ben Melnick. Melnick era o gerente de negócios, alto, de pele morena, com uma cara jovem, olhos negros saltados, cabelos brancos como leite. Sofria de asma e jogava nos cavalos. Recebia toda sorte de tipos estranhos, *bookmakers*. Estava separado da mulher e tendo um caso com a srta. Potter, a contadora-chefe, outra parente de Morris Korver.

Herman Gombiner entrou em seu próprio escritório. Passar pela sala editorial e não ser cumprimentado era um sacrifício para ele. Korver empregava um homem para manter o local limpo, Zeinvel Gitzis, mas Zeinvel negligenciava o trabalho: as paredes eram imundas, as janelas nunca lavadas. Pacotes de manuscritos empoeirados e jornais jaziam por ali havia anos.

Herman tirou cuidadosamente o casaco e colocou sobre uma pilha de livros. Sentou-se na cadeira que tinha a crina saindo do estofamento. Trabalhar? Que sentido fazia trabalhar quando a firma estava para fechar? Ficou sentado, sacudindo a cabeça, em parte por fraqueza, em parte por lamentar. “Bom, tudo tem de ter um fim”, resmungou. “Está determinado que nenhuma instituição humana durará para sempre.” Esticou a mão e pegou a correspondência do bolso do casaco. Inspeccionou os envelopes, sem abrir nenhum deles. Voltou à carta de Rose Beechman de Louisville, Kentucky. Numa revista chamada *Mensagem*, a sra. Beechman revelara os contatos que mantinha havia quinze anos com sua avó morta, sra. Eleanor Brush. A avó geralmente se materializava durante a noite, embora às vezes aparecesse também à luz do dia, vestida com as roupas do funeral. Vinha cheia de conselhos para a neta, e uma vez chegou a lhe dar uma receita de frango frito. Herman escrevera a Rose Beechman, mas passaram-se sete semanas sem resposta. Tinha quase perdido a esperança, embora continuasse a mandar mensagens telepáticas para ela. Devia ter estado doente, Herman tinha certeza disso.

Agora a carta dela ali estava à sua frente, num envelope azul-claro. Abri-la não foi fácil para ele. Teve de recorrer aos dentes. Finalmente removeu as seis folhas dobradas de papel azul-claro e leu:

Prezado sr. Gombiner,

Estou escrevendo esta carta ao senhor um dia depois de minha volta do hospital, onde passei quase dois meses. Fui operada para remover um tumor na espinha. Havia risco de paralisia ou algo pior. Mas o destino, parece, ainda me quer por aqui... Ao que parece, a minha pequena história na *Mensagem* causou certo furor. Durante minha doença, recebi dezenas de cartas de todas as partes do país e da Inglaterra.

Acontece que minha filha colocou sua carta embaixo da pilha e, se eu fosse ler todas pela ordem, teria levado várias semanas mais para chegar à sua. Mas a premonição, o que mais pode ter sido?, me fez abrir a última carta primeiro. Foi então que me dei conta, pelo carimbo do correio, de que a sua foi das primeiras, senão a primeiríssima, a chegar. Parece que estou sempre fazendo as coisas não como tenciono fazer, mas obedecendo a um comando de alguém ou de alguma coisa de que não tenho consciência. Tudo o que posso dizer é: essa “alguma coisa” está comigo desde que me conheço por gente, talvez mesmo antes de eu ser capaz de pensar.

Sua carta é tão lógica, tão nobre e fascinante que posso dizer que iluminou minha volta ao lar. Minha filha trabalha em um escritório e não tem nem tempo nem paciência de cuidar da casa. Quando voltei, encontrei as coisas em um estado lamentável. Sou, por natureza, uma dona de casa meticulosa que não tolera desordem, e o senhor pode, portanto, imaginar como me senti. Mas seus pensamentos profundos e realmente notáveis, assim como a fraternidade e humanidade neles implícitas me ajudaram a esquecer meus problemas. Li sua carta três vezes e agradei a Deus que ainda existam pessoas com a sua compreensão e fé.

O senhor me pede detalhes. Meu caro sr. Gombiner, se eu for contar todos os fatos, nenhuma carta é suficiente. Poderia encher um livro inteiro. Não se esqueça que essas experiências vêm acontecendo faz quinze anos. Minha santa avó me visitou todos os dias no hospital. Ela literalmente assumiu o trabalho das enfermeiras, que não são, como o senhor deve saber, muito devotadas aos pacientes, nem têm tempo de ser. Sim, descrever “exatamente”, como o senhor pede, levaria semanas, meses. Só posso repetir que tudo o que escrevi na *Mensagem* é a mais fiel verdade. Alguns correspondentes me chamam de “maluca”, “louca”, “charlatã”.

Acusam-me de mentir e de buscar publicidade. Por que eu mentiria e por que precisaria de publicidade? Foi, portanto, especialmente agradável ler os seus admiráveis sentimentos. Vejo, pelo cabeçalho, que o senhor é judeu e vinculado a uma editora hebraica. Gostaria de assegurar-lhe que sempre tive a maior estima pelos judeus, o povo escolhido de Deus. Não há muitos judeus em Louisville, e só tive contatos pessoais com judeus que têm pouco interesse na própria religião. Sempre quis conhecer melhor um verdadeiro judeu, que respeita a tradição dos Santos Patriarcas.

Chego agora ao ponto principal de minha carta, e peço que perdoe minhas divagações. Na véspera de deixar o hospital, minha adorada avó, a sra. Brush, me visitou até o amanhecer. Conversamos sobre diversos assuntos, e pouco antes de ir embora ela me disse: "Neste inverno, você irá a Nova York, onde conhecerá um homem que mudará o rumo de sua vida". Foram suas palavras de despedida. Devo acrescentar que, embora esteja convencida de que nos últimos quinze anos minha avó nunca falou por falar e que tudo o que disse fazia sentido, naquele momento, pela primeira vez, fiquei em dúvida. O que teria eu, uma viúva vivendo com uma pequena pensão, de ir fazer na longínqua Nova York? E que homem de Nova York poderia alterar a minha existência?

É verdade que ainda não sou velha, tenho pouco mais que quarenta anos, e sou considerada uma mulher bonita. (Peço que não pense que sou vaidosa. Simplesmente quero esclarecer a situação.) Mas quando meu marido morreu, há oito anos, decidi que bastava. Fui deixada com uma filha de doze anos e queria dedicar todas as minhas energias à sua criação. Foi o que fiz. Ela hoje é bonita, formou-se numa escola de administração e tem uma excelente posição em uma firma imobiliária. Está noiva de um homem extremamente interessante e bem-educado (funcionário do governo). Sinto que será muito feliz.

Desde a morte de meu marido recebi propostas de homens, mas sempre as recusei. Minha avó, ao que parece, deve ter concordado comigo, porque nunca me disse nada em contrário. Menciono isso porque o que minha avó falou sobre a viagem a Nova York e sobre o homem que lá encontraria parece tão pouco provável que acreditei que o disse apenas para me alegrar depois de minha doença. Mais tarde, suas palavras acabaram sumindo de minha cabeça.

Imagine minha surpresa quando hoje, recém-chegada do hospital, recebo uma carta registrada de um sr. Ginsburg, advogado de Nova York, me notificando a morte de minha tia-avó Catherine Pennell e contando que ela me deixou a soma

de quase cinco mil dólares. Tia Catherine era uma solteirona e havia rompido relações com nossa família fazia cinquenta anos, antes de eu nascer. Pelo que sei, vivia em uma fazenda na Pensilvânia. Meu pai falou dela algumas vezes e de suas excentricidades, mas nunca a conheci, nem sabia se estava viva ou morta. Como ela acabou em Nova York é um mistério para mim, assim como a razão de ter me escolhido para me deixar seu dinheiro. São esses os fatos, e devo ir a Nova York por causa de minha herança. Os documentos já foram assinados e tudo.

Quando li a carta do advogado e depois a sua, tão interessante e querida, de repente compreendi que seria bobagem duvidar das palavras de minha avó. Ela nunca fez uma previsão que não resultasse verdadeira, e nunca duvidarei dela outra vez.

Esta carta já está longa demais e meus dedos estão cansados de segurar a caneta. Simplesmente gostaria de informar ao senhor que estarei em Nova York por alguns dias em janeiro, ou no começo de fevereiro, o mais tardar, e consideraria um privilégio e uma honra conhecê-lo pessoalmente.

Não posso saber o que os Poderes que existem me reservam, mas sei que encontrar o senhor será um acontecimento importante em minha vida, como espero que seja também para o senhor. Tenho coisas extraordinárias a lhe dizer. Enquanto isso, aceite minha mais profunda gratidão e meus melhores votos.

Sinceramente sua,
Rose Beechman

IV.

Tudo aconteceu muito depressa. Num dia falaram de fechar a casa editora, no dia seguinte estava feito. Morris Korver e seus filhos convocaram uma reunião dos funcionários. O próprio Korver falou em iídiche, bateu o punho na mesa e gritou com a voz forte de um jovem. Alertou os trabalhadores que se não aceitassem as propostas elaboradas por ele e pelos filhos, ninguém receberia um tostão. Um dos filhos, Seymour, advogado, tinha algumas palavras a dizer, em inglês. Contrastando com os gritos do pai, Seymour falou manso. Os empregados mais velhos, que tinham dificuldade para ouvir, puxaram as cadeiras para mais perto e ligaram os aparelhos auditivos. Seymour mostrou uma lista de números.

Nos últimos cinco anos, disse, a editora havia perdido vários milhares de dólares. Quanto pode perder uma empresa? Estava tudo escrito ali, preto no branco.

Quando os patrões saíram, os escritores e os funcionários do escritório votaram se iam ou não concordar com os termos propostos. A maioria votou pela aceitação. Foi dito que Korver havia subornado secretamente alguns empregados para ficarem do seu lado, mas que diferença fazia? Cada trabalhador receberia o cheque final no dia seguinte. Os manuscritos foram deixados sobre as mesas. Sam já havia trazido os homens da demolidora.

Raphael Robbins colocou cuidadosamente dentro da mochila a almofadinha em que se sentava, a lente de aumento e uma gaveta de remédios. Despediu-se de todo mundo com o sorriso astuto de um homem que sabia de tudo antes e portanto nunca se surpreendia. Yohanan Abarbanel levou para casa só um dicionário. A srta. Lipshitz, a secretária, ficou andando a manhã inteira de um lado para o outro com olhos vermelhos, chorosos. Ben Melnick trouxe um enorme baú e embalou seus arquivos particulares, que consistiam de registros de apostas nos cavalos.

Herman Gombiner estava frágil demais para empacotar as cartas e os livros que haviam se acumulado na estante. Abriu uma gaveta, olhou os papéis cobertos de poeira e imediatamente começou a tossir. Disse adeus à srta. Lipshitz, entregou a Sam uma última gorjeta de cinco dólares, foi ao banco, sacou o cheque e ficou esperando um táxi.

Durante muitos anos, Herman Gombiner tinha vivido com medo do dia em que ficasse sem emprego. Mas quando entrou no táxi para ir para casa à uma hora da tarde, sentiu a calma da resignação. Nem virou a cabeça para olhar o lugar onde desperdiçara quase trinta anos. Estava caindo uma neve molhada. O céu estava cinzento. Sentado no táxi, com a cabeça apoiada no encosto, de olhos fechados, Herman Gombiner comparou-se a um defunto que volta do próprio funeral. Provavelmente era assim que a alma deixava o corpo e começava sua existência espiritual, pensou.

Havia planejado tudo. Com os quase dois mil dólares que tinha guardados no banco, o dinheiro que recebera de Morris Korver e o seguro-desemprego, podia se virar durante dois anos, talvez até alguns meses mais. Depois, teria de contar com a assistência social. Não fazia sentido nem começar a tentar arrumar outro emprego. Desde a infância Herman havia implorado a Deus que não

o deixasse depender de caridade, mas evidentemente seu destino foi resolvido de modo diferente. A menos, claro, que a morte o redimisse primeiro.

Graças a Deus sua casa era quente. Herman olhou o buraco do camundongo. De que maneira ele, Herman, era melhor que o bichinho? Huldah também tinha de depender de alguém. Pegou o caderno e o lápis, começou a calcular. Não precisaria mais pagar dois táxis por dia, nem almoçar no restaurante, nem dar gorjeta para o garçom. Não haveria mais contribuições para todo tipo de coleta: para a Palestina, para os filhos ou netos de empregados quando se casavam, para presentes de aposentadoria. Certamente não teria de pagar mais nenhum imposto. Herman examinou o armário de roupas. Tinha camisas e sapatos suficientes para durar mais dez anos. Só precisava de dinheiro para aluguel, pão, leite, revistas e selos. Houve tempo em que pensara conseguir um telefone para o apartamento. Graças a Deus não tinha feito isso. Com aqueles seis dólares podia passar uma semana. Sem saber que ia chegar a isso, Herman havia praticado durante muitos anos a arte de reduzir os gastos a um mínimo, baixando o pavio da vida, por assim dizer.

Nunca antes Herman Gombiner havia apreciado tanto aquele apartamento como no dia em que voltou para casa depois do fechamento da casa editora. As pessoas sempre reclamavam com ele de solidão, mas enquanto houvesse livros e papel de carta, enquanto pudesse sentar numa cadeira perto do radiador e meditar, nunca estaria sozinho. Podia ouvir risos de criança, mulheres conversando, vozes fortes de homens nos apartamentos vizinhos. Rádios ligados a todo volume. Na rua, meninos e meninas brincando ruidosamente.

O dia curto foi ficando mais e mais escuro, e a casa encheu-se de sombras. Lá fora, a neve assumiu uma cor azul incomum. Baixou o crepúsculo. "Então, mais um dia se passou", Herman disse a si mesmo. Esse dia em particular, essa data exata, nunca retornaria, a menos que Nietzsche estivesse certo em sua teoria do eterno retorno. Mesmo acreditando que o tempo era imaginário, aquele dia havia terminado, como a página virada de um livro. Passara para os arquivos da eternidade. Mas o que ele, Herman Gombiner, tinha conseguido? Quem havia ajudado? Nem mesmo o camundongo. Ele não saía de seu buraco, nem uma olhadinha o dia inteiro. Estaria doente? Não era mais jovem, a velhice chegava para todo mundo...

Sentado no crepúsculo invernal, Herman parecia estar esperando um sinal dos Poderes superiores. Às vezes, recebia mensagens deles, mas outras vezes

mantinham-se ocultos e silentes. Descobriu-se pensando em seus pais, avós, irmãs, irmão, tias, tios e primos. Onde estavam todos? Onde estavam descansando, benditas sejam suas almas, martirizados pelos nazistas? Será que jamais pensavam nele? Ou teriam subido a esferas onde não se preocupavam mais com os mundos inferiores? Começou a rezar para eles, convidando-os a visitá-lo naquela noite de inverno.

O vapor do radiador chiava, cantando sua nota única. O vapor parecia falar nos canos, consolando Herman: "Você não está sozinho, você é um elemento do universo, um filho de Deus, uma parte integrante da Criação. Seu sofrimento é o sofrimento de Deus, seu anseio o anseio d'Ele. Está tudo certo. Deixe que a verdade lhe seja revelada e você se encherá de alegria".

De repente, Herman ouviu um guincho. Na penumbra, o camundongo havia saído e olhava cautelosamente em torno, como se tivesse medo de algum gato pairando por ali. Herman prendeu a respiração. Sagrada criatura, não tenha medo. Nenhum mal lhe será feito. Ficou olhando ele se aproximar do pires de água, tomar um gole, depois um segundo e um terceiro. Devagar, começou a mastigar o pedaço de queijo.

Pode haver maravilha maior?, Herman pensou. Ali estava um camundongo, filho de um camundongo, neto de camundongo, produto de milhões, bilhões de camundongo que viveram antes, sofreram, se reproduziram e agora se foram para sempre, mas deixaram um herdeiro, aparentemente o último de sua linhagem. Ali estava ele, nutrindo-se com comida. No que pensa todo o dia em seu buraco? Deve pensar em alguma coisa. Tem uma mente, um sistema nervoso. Ele também é parte da criação de Deus, como os planetas, as estrelas, as galáxias distantes.

O camundongo de repente levantou a cabeça e olhou para Herman com um olhar humano de amor e gratidão. Herman imaginou que ele estava agradecendo.

v.

Depois que Herman Gombiner parou de trabalhar, deu-se conta do esforço que era levantar de manhã, esperar o táxi na rua, perder tempo com dicionários, escrever, editar e viajar de volta para casa toda noite. Aparentemente vinha

trabalhando com suas últimas forças. Parecia-lhe que a casa editora havia fechado no mesmo dia em que gastara sua última porção de energia. Esse fato em si era um excelente exemplo da presença da compaixão divina e da mão da Providência. Mas graças ao céu ainda sentia vontade de ler e de escrever cartas.

Havia caído neve. Herman não lembrava de nenhum outro inverno em Nova York com tanta neve como aquele. Altos montes se formavam. Era impossível os carros passarem em sua rua. Para conseguir um táxi, Herman teria de abrir caminho até a avenida Columbus ou Central Park West. Sem dúvida teria tido um colapso. Por sorte, o menino de entregas do armazém não se esqueceu dele. Dia sim, dia não, trazia-lhe pães, às vezes ovos, queijo, e o que mais Herman encomendasse. Seus vizinhos batiam na porta para perguntar se precisava de alguma coisa, café, chá, frutas. Ele agradecia profusamente. Pobre como era, sempre dava à mãe uma moeda para comprar um chocolate para o filho. As mulheres nunca iam embora em seguida, sempre ficavam um pouco, conversavam com ele em seu inglês misturado, olhando para ele como se não quisessem ir embora. Uma vez, uma mulher acariciou suavemente a cabeça de Herman. As mulheres sempre se sentiram atraídas por ele.

Houve momentos em que mulheres ficaram desesperadamente apaixonadas por ele, mas casamento e família não eram para Herman. A idéia de criar filhos lhe parecia absurda. Por que prolongar a tragédia humana? Além disso, enviara até seu último centavo para Kalomin.

Seus pensamentos voltavam sempre para Kalomin. Ele indo ao cheder, estudando na yeshiva, aprendendo secretamente hebraico moderno, polonês, alemão, tomando lições, instruindo outros. Experimentando seu primeiro caso amoroso, os encontros com garotas, os passeios às florestas, ao moinho, ao cemitério. Sentira-se atraído por cemitérios mesmo quando moço, e passara horas ali, meditando entre os túmulos e ouvindo suas pétreas histórias. Os mortos falavam com ele de dentro dos túmulos. No cemitério de Kalomin cresciam altas árvores de bétula de casca branca. Suas folhas prateadas tremiam à menor brisa, conversando em seu dialeto vegetal o dia inteiro. Os ramos se inclinavam uns para os outros, sussurrando segredos.

Mais tarde, veio a viagem à América e ele vagou por Nova York, sem emprego. Depois, foi trabalhar na Zion e começou a estudar inglês. Era bastante saudável naquela época e tinha tido casos com mulheres. Era difícil acreditar nos muitos triunfos que tivera. Nas noites solitárias, detalhes de velhos episó-

dios e palavras nunca esquecidas lhe voltavam à mente. A própria memória demonstra que não existe o olvido. Palavras que uma mulher havia lhe dito fazia trinta anos e que ele não entendera de fato na época de repente ficavam claras. Graças a Deus tinha lembranças suficientes para lhe durar cem anos.

Pela primeira vez desde que chegara à América, suas janelas ficaram cobertas de gelo. Nos vidros, formaram-se árvores de geadas brancas como aquelas de Kalomin: palmeiras de cabeça para baixo, exóticos arbustos e flores estranhas. O gelo pintava como um artista, mas seus padrões eram eternos. Cristais? O que eram cristais? Quem tinha ensinado os átomos e as moléculas a se arranjamem desse ou daquele jeito? Que ligação havia entre as moléculas de Nova York e as de Kalomin?

As maiores maravilhas começavam quando Herman cochilava. Assim que fechava os olhos, os sonhos lhe vinham como gafanhotos. Enxergava tudo com clareza e precisão. Não eram sonhos, eram visões. Voava sobre cidades orientais, planava sobre cúpulas, mesquitas e castelos, pairava sobre estranhos jardins, florestas misteriosas. Passava sobre tribos ainda não descobertas, falava estranhas línguas. Às vezes, assustava-se com monstros.

Herman sempre achara que a verdadeira vida é vivida durante o sono. A vigília nada mais era que um tempo marginal destinado a fazer coisas.

Agora que estava livre, todo seu horário tinha se invertido. Parecia ter acontecido espontaneamente. Ficava acordado de noite e dormia durante o dia. Almoçava ao anoitecer e pulava o jantar. O despertador tinha parado, mas Herman não lhe deu corda. Que diferença fazia a hora que era? Às vezes, tinha preguiça de acender as luzes de noite. Em vez de ler, sentava numa cadeira perto do radiador e cochilava. Estava dominado por uma fadiga que nunca o deixava. Estou ficando doente, pensou. Por menos que o menino do armazém trouxesse, Herman tinha sempre demais.

Seu real sustento eram as cartas que recebia. Herman ainda descia os poucos lances de escada até sua caixa de correio no saguão. Tinha se abastecido com um suprimento de selos e papel. Havia uma caixa de correio a poucos passos da entrada da casa. Se não conseguisse passar pela neve, podia pedir que um vizinho enviasse suas cartas. Recentemente, uma mulher que morava no seu andar se oferecera para pegar sua correspondência toda manhã, e Herman lhe dera a chave da caixa. Ela colecionava selos; os selos eram seu pagamento. Herman agora pou-

pava-se o trabalho de subir a escada. Ela enviava suas cartas e passava as cartas recebidas por baixo da porta, e tão quietinha que ele nunca ouvia seus passos.

De noite, muitas vezes ficava escrevendo, cochilando entre cartas. De vez em quando, pegava uma velha carta da gaveta da escrivaninha e lia com uma lente de aumento. Sim, os mortos ainda estavam conosco. Vinham aconselhar seus parentes em negócios, dívidas, na cura dos doentes; consolavam os derrotados, davam sugestões sobre viagens, empregos, amor, casamento. Alguns deixavam buquês de flores sobre a colcha da cama, e traziam artigos de lugares distantes. Alguns se revelavam só para os mais íntimos no momento da morte, outros voltavam depois de anos de terem morrido. Se tudo isso fosse verdade, Herman pensou, então seus parentes também decerto estavam vivos. Ficou sentado, rezando para que lhe aparecessem. O espírito não pode ser queimado, nem asfixiado, enforcado, fuzilado. Seis milhões de almas devem existir em algum lugar.

Uma noite, depois de escrever cartas até o amanhecer, Herman as colocou nos envelopes, endereçou, colou os selos e foi para a cama. Quando abriu os olhos, era dia pleno. Sua cabeça estava pesada. Parecia uma pedra em cima do travesseiro. Sentia calor, mas calafrios lhe percorriam a espinha. Tinha sonhado que sua família morta havia vindo até ele, mas que não se comportavam devidamente como fantasmas: brigavam, gritavam e até se atacaram fisicamente por causa de um cesto de palha.

Herman olhou para a porta e viu a correspondência da manhã que a vizinha havia enfiado por baixo da porta, mas não conseguiu se mexer. Estou paralisado, pensou. Adormeceu de novo, e os fantasmas voltaram. Sua mãe e suas irmãs estava discutindo por causa de um pente de metal. "Bom, isso é ridículo", disse a si mesmo. "Espíritos não precisam de pentes de metal." O sonho continuou. Descobriu um armário na parede de seu quarto. Abriu e começaram a despencar cartas de dentro, centenas de cartas. O que era esse armário? As cartas tinham antigos carimbos de data; ele nunca tinha aberto nenhuma delas. Em seu sono, perturbou-se de tanta gente ter lhe escrito e ele não ter respondido. Resolveu que algum carteiro devia ter escondido ali as cartas para se poupar o trabalho de entregá-las. Mas se o carteiro tinha ido até sua casa, que sentido fazia esconder as cartas no armário?

Herman acordou e era noite. "Como o dia passou tão depressa?", perguntou a si mesmo. Tentou ir ao banheiro, mas sua cabeça girou e tudo ficou preto. Caiu no chão. Bom, é o fim, pensou. O que vai ser de Hulda?

Ficou ali impotente um longo tempo. Depois, lentamente se pôs de pé e, andando junto à parede, chegou ao banheiro. Sua urina estava marrom e oleosa, e sentiu uma queimação.

Levou um longo tempo para voltar à cama. Deitou de novo e a cama parecia subir e descer. Que estranho, não precisava mais abrir os envelopes das cartas. Poderes de clarividência lhe permitiam ler o conteúdo. Recebeu a resposta de uma mulher de uma pequena cidade do Colorado. Ela escreveu sobre uma vizinha agora morta com quem sempre discutia, e contava que depois da morte da vizinha o fantasma dela quebrou sua máquina de costura. A antiga inimiga despejou água no chão de sua casa, rasgou uma almofada e removeu as penas. Os mortos podem ser nocivos. Podem também ser muito vingativos. Se assim fosse, pensou ele, uma guerra entre os judeus mortos e os nazistas mortos era plenamente possível.

Nessa noite, Herman adormeceu, tremeu convulsivamente e acordou repetidamente. Lá fora, o vento zunia. Atravessava por dentro da casa. Herman lembrou de Huldah: o camundongo estava sem comida e sem água. Queria descer da cama para ajudá-lo, mas não conseguia mexer nenhuma parte do corpo. Rezou a Deus: "Não preciso mais de ajuda, mas não deixe aquela pobre criatura morrer de fome!". Prometeu dinheiro para caridade. E adormeceu.

Herman abriu os olhos e o dia estava apenas começando: um dia encoberto de inverno que mal dava para perceber na vidraça coberta de gelo. Estava tão frio dentro como fora. Herman ficou ouvindo, mas não conseguiu distinguir a toada do radiador. Tentou cobrir-se, mas suas mãos não tinham força. Ouviu sons de gritos e passos rápidos no corredor. Alguém bateu na porta, mas ele não conseguiu responder. Bateram mais. Um homem falou em espanhol, e Herman ouviu uma voz de mulher. De repente, alguém empurrou a porta e entrou um homem porto-riquenho, seguido de uma mulher pequena usando um casaco de tricô com chapéu combinando. Levava um agasalho para mãos muito grande, que Herman nunca tinha visto na América.

A mulher veio até sua cama e disse: "Senhor Gombiner?". Pronunciou seu nome de um jeito que ele mal conseguia reconhecer, com a tônica na primeira sílaba. O homem saiu. A mulher segurava na mão as cartas que pegara do chão. Tinha pele clara, olhos escuros e nariz pequeno. Disse: "Eu sabia que o senhor estava doente. Sou a senhora Beechman, Rose Beechman". Estendeu para ele uma carta que havia lhe enviado e que estava entre as cartas que recolheu no chão.

Herman entendeu, mas não conseguiu falar. Ouviu quando ela disse: "Minha avó me fez vir até o senhor. Eu só viria a Nova York daqui a duas semanas. O senhor está doente e a caldeira desta casa explodiu. Espere, vou cobrir o senhor. Onde está o telefone?".

Puxou o cobertor para cima dele, mas a roupa de cama estava fria como gelo. Ela começou a se mexer, batendo os pés e esfregando as mãos. "O senhor não tem telefone? Como posso chamar um médico?"

Ele queria dizer que não precisava de médico, mas estava fraco demais. Olhar para ela o deixava cansado. Fechou os olhos e imediatamente esqueceu que tinha visita.

VI.

"Como pode alguém dormir tanto?", Herman perguntou a si mesmo. Essa sonolência o havia transformado numa criatura indefesa. Abriu os olhos, viu a mulher estranha, lembrou quem era e imediatamente adormeceu de novo. Ela trouxe o médico, um homem alto, um gigante, e esse homem o havia descoberto, escutado seu coração com um estetoscópio, apertado seu estômago, olhado dentro de sua garganta. Herman ouviu a palavra "pneumonia"; disseram-lhe que teria de ir para o hospital, mas ele conseguiu reunir forças suficientes para fazer um sinal negativo com a cabeça. Preferia morrer. O médico o repreendeu bondosamente; a mulher tentou convencê-lo. Qual o problema do hospital? Iam fazer com que sarasse lá. Ela iria visitá-lo todos os dias, cuidaria dele.

Mas Herman foi inflexível. Conseguiu atravessar a doença e falar para a mulher: "Toda pessoa tem o direito de determinar seu destino". Mostrou a ela onde guardava o dinheiro; olhou para ela, suplicante, e estendeu a mão, implorando que lhe promettesse que não seria removido.

Num momento falava claramente como um homem saudável, no momento seguinte voltava a seu torpor. Sonhou de novo, dormindo ou acordado, ele próprio não sabia mais. A mulher deu-lhe um remédio. Veio uma moça e aplicou-lhe uma injeção. Graças a Deus havia aquecimento de novo. O radiador cantava o dia inteiro e metade da noite. Agora o sol brilhava, um retalho de sol chegava à janela de manhã; agora a luz do teto brilhava. Os vizinhos vinham perguntar como estava, principalmente mulheres. Traziam-lhe tigelas de mingau, leite morno, xí-

caras de chá. Uma mulher estranha trocava-lhe a roupa; às vezes ela usava vestido preto ou amarelo, às vezes uma blusa branca ou cor-de-rosa. Às vezes, parecia de meia-idade e séria, outras vezes juvenil e brincalhona. Enfiava o termômetro em sua boca e lhe trazia o urinol. Tirava sua roupa e friccionava-lhe o corpo com álcool. Ele ficava com vergonha por causa do corpo emaciado, mas ela argumentava: "Vergonha de quê? Somos todos como Deus nos fez". Doente como estava, ele tinha consciência de suas mãos macias. Seria humana? Ou um anjo? Herman era criança de novo, a mãe preocupada com ele. Sabia muito bem que podia morrer em sua sonolência, mas não tinha mais medo da morte.

Herman estava preocupado com alguma coisa: um acontecimento, uma visão que se repetia em incontáveis variações, mas cujo sentido não conseguia penetrar. Parecia-lhe que seu sono era como um longo livro que lia com tamanha avidéz que não conseguia parar nem por um minuto. Beber chá, tomar remédio eram só enfadonhas interrupções. Seu corpo, com todas as agonias, havia se desprendido dele.

Despertou. O dia estava empalidecendo. A mulher havia colocado uma bolsa de gelo em sua cabeça. Retirou-a e comentou que a blusa do pijama estava suja de sangue. O sangue havia saído do nariz.

"Estou morrendo? É isto a morte?", perguntou a si mesmo. Sentia apenas curiosidade.

A mulher deu-lhe remédio com uma colher de chá, e o líquido tinha a força e o gosto de conhaque. Herman fechou os olhos e quando abriu de novo viu o azul nevado da noite. A mulher estava sentada a uma mesa que durante anos vivera coberta de livros, que ela devia ter removido. Tinha colocado as pontas dos dedos na beira da mesa. A mesa estava se mexendo, levantando as pernas da frente e depois baixando com ruído.

Durante algum tempo, ele ficou plenamente desperto e com a cabeça tão clara quanto se estivesse sadio. A mesa estaria mesmo se mexendo por si própria? Ou a mulher é que a levantava? Ficou olhando, deslumbrado. A mulher estava murmurando; fazia perguntas que ele não conseguia escutar. Ela às vezes grunhia; uma vez até riu, mostrando a boca cheia de dentes pequenos. De repente, ela foi até a cama, curvou-se sobre ele e disse: "Você vai viver. Vai se recuperar".

Ele ouviu suas palavras com uma indiferença que o surpreendeu.

Fechou os olhos e viu-se de novo em Kalomin. Estavam todos vivos: seu pai, sua mãe, seu avô, sua avó, suas irmãs, seu irmão, todos os tios e tias e pri-

mos. Que estranho Kalomin fazer parte de Nova York. Bastava chegar a uma rua que levava à rua do Canal. A rua ficava na encosta de uma montanha, e era preciso subir. Parece que ele tinha de atravessar um porão ou túnel, um lugar que recordava outros sonhos. Foi ficando cada vez mais escuro, o chão mais fundo, cheio de valas, as paredes mais e mais baixas e o ar mais abafado. Ele teve de abrir uma porta para uma pequena câmara cheia de ossos de cadáveres, viscosos de putrefação. Tinha chegado a um cemitério subterrâneo e lá encontrou um bedel, ou guardião, ou coveiro que estava cuidando dos ossos.

"Como se pode viver aqui?", Herman perguntou a si mesmo. "Quem haveria de querer um emprego desses?" Herman não estava mais vendo o homem, mas lembrava de sonhos anteriores em que o havia visto, barbudo e maltrapilho. Ele quebrava membros como se fossem raízes apodrecidas. Ria com uma satisfação secreta. Herman tentou escapar desse labirinto, rastejando sobre a barriga e deslizando como cobra, se extenuando de tal forma que parou de respirar.

Acordou com suores frios. A luz não estava acesa, mas um difuso fulgor brilhava em algum lugar. De onde vinha essa luz, Herman pensou, e onde está a mulher? Que milagre — estava se sentindo bem.

Sentou-se e viu a mulher dormindo em um catre, coberta com uma colcha desconhecida. Suave luminosidade vinha de uma lâmpada minúscula plugada na tomada junto ao chão. Herman ficou imóvel e deixou a transpiração secar, sentindo-se mais fresco quando ela secou.

"Bom, não estava escrito que eu devia morrer ainda", murmurou. "Mas para que sirvo aqui?" Não conseguiu encontrar uma resposta.

Herman recostou no travesseiro e ficou quieto. Lembrava de tudo: tinha adoecido, Rose Beechman havia chegado e trazido o médico para vê-lo. Herman se recusara a ir para o hospital.

Avaliou a si mesmo. Aparentemente, tinha passado a crise. Estava fraco, mas não mais doente. Todas as dores haviam desaparecido. Conseguia respirar livremente. A garganta não estava mais obstruída com muco. Essa mulher havia salvado sua vida.

Herman sabia que tinha de agradecer à Providência, mas alguma coisa dentro dele se sentia triste e quase enganada. Ele esperava uma revelação. Contara com seu sono profundo para ver coisas invisíveis a seu olho são. Até sobre a morte havia pensado assim: vamos dar uma olhada no que existe do outro lado da cortina. Tinha lido muitas vezes sobre pessoas que ficaram doentes e cujos corpos

astrais vagaram sobre cidades, oceanos e desertos. Outros entravam em contato com parentes, tinham visões, luzes celestiais lhes apareciam. Mas em seu longo sono Herman não havia experimentado nada além de uma porção de sonhos emaranhados. Lembrava-se da mesinha que tinha levantado e abaixado as pernas numa noite. Onde estava ela? Estava não muito longe de sua cama, coberta com uma pilha de cartas e revistas que deviam ter chegado durante a sua doença.

Herman observou Rose Beechman. Por que teria vindo? Quando mandara trazer a cama desmontável? Via seu rosto distintamente agora, o nariz pequeno, as faces encovadas, o cabelo escuro, a testa redonda um pouco alta demais para uma mulher. Dormia calmamente, o cobertor sobre o seio. Não dava para ouvir sua respiração. Ocorreu a Herman que podia estar morta. Ficou olhando para ela intensamente: suas narinas se moviam um pouquinho.

Herman cochilou de novo. De repente, ouviu um murmúrio. Abriu os olhos. A mulher estava falando no sono. Ele ouviu atentamente, mas não conseguiu distinguir as palavras. Não tinha certeza se era inglês ou outra língua. O que queria dizer? De repente entendeu: está falando com a avó. Prendeu a respiração. Todo o seu ser se imobilizou. Fez um esforço para distinguir ao menos uma palavra, mas não conseguiu captar nem uma sílaba. A mulher se calou e então começou a sussurrar de novo. Não mexia os lábios. A voz parecia sair de suas narinas. Quem sabe? Talvez não estivesse falando uma língua conhecida, Herman Gombiner pensou. Pareceu-lhe que estava sugerindo alguma coisa para a pessoa invisível e discutindo com ela. Essa escuta intensa logo o cansou. Fechou os olhos e adormeceu.

Teve um sobressalto e acordou. Não sabia quanto tempo havia dormido: um minuto ou uma hora. Pela janela, viu que ainda era noite. A mulher na cama estava dormindo silenciosamente. De repente, Herman lembrou. O que teria acontecido com Huldah? Que horror ter se esquecido completamente dele durante a sua doença. Ninguém o tinha alimentado nem dado nada para ele beber. “Está morto, com certeza”, disse a si mesmo. “Morto de fome e de sede!” Sentiu uma grande vergonha. Tinha se recuperado. Os Poderes que governam o mundo haviam mandado uma mulher para ele, uma irmã de misericórdia, mas aquela criatura que dependia dele para as suas necessidades tinha morrido. “Não podia ter me esquecido dele! Não podia! Eu matei o bichinho!”

O desespero tomou conta de Herman. Começou a rezar pela alma do camundongo. “Bom, você viveu sua vida. Cumpriu sua missão neste mundo de-

samparado, o pior de todos os mundos, este abismo sem fundo, onde Satã, Asmodeus, Hitler e Stalin dominam. Não está mais limitado ao seu buraco, a fome, sede e doença, mas está unificado no cosmos pleno de Deus, junto com o próprio Deus... Quem sabe por que teve de nascer camundongo?”

Em seus pensamentos, Herman fez uma apologia do camundongo que tinha participado de um momento de sua vida e que, por causa dele, havia deixado este mundo. “O que eles fazem, todos esses eruditos, esses filósofos, esses líderes do mundo, com seres como você? Eles se convenceram de que o homem, o pior transgressor de todas as espécies, é a coroa da criação. Todas as outras criaturas são criadas meramente para lhe fornecer comida, peles, para ser atormentadas, exterminadas. Com relação a eles, todo mundo é nazista; para os animais é uma Treblinka eterna. E mesmo assim o homem exige compaixão do céu.” Herman bateu na boca com as mãos. “Não posso viver, não posso! Não posso mais fazer parte disso! Deus do céu, me leve embora!”

Durante um momento, sua cabeça ficou vazia. Depois, ele estremeceu. Talvez Huldah ainda estivesse vivo. Talvez tivesse encontrado alguma coisa para comer. Talvez estivesse inconsciente em seu buraco e pudesse ser reanimado. Tentou descer da cama. Levantou o cobertor e lentamente desceu um pé. A cama rangeu.

A mulher abriu os olhos como se não estivesse dormindo, mas apenas fingindo. “Onde você vai?”

“Preciso descobrir uma coisa.”

“O quê? Espere um pouco.” Ela endireitou a camisola debaixo da cobertura, saiu da cama e foi até ele descalça. Seus pés eram brancos, juvenilmente pequenos, com dedos delicados. “Como está se sentindo?”

“Por favor, me escute!” E em voz baixa contou a ela sobre o camundongo.

A mulher ouviu. Seu rosto, escondido nas sombras, expressou surpresa. Ela disse: “É, ouvi os camundongos raspando diversas vezes durante a noite. Provavelmente estão comendo seus livros”.

“É só um pequeno camundongo. Uma criatura maravilhosa.”

“O que eu tenho de fazer?”

“O buraco é logo ali... Eu costumava deixar um prato de água para ele e um pedaço de queijo.”

“Não tenho queijo aqui.”

"Talvez possa colocar um pouco de leite num pratinho. Tenho certeza de que ele está vivo, mas talvez..."

"É, leite tem. Primeiro, vou medir sua temperatura." Pegou um termômetro de algum lugar, sacudiu e colocou-o em sua boca com a autoridade de uma enfermeira.

Herman ficou olhando enquanto ela se ocupava na quitinete. Ela colocou leite num pires. Diversas vezes se voltou e olhou para ele inquisitivamente, como se não pudesse acreditar no que tinha ouvido.

Como pode ser?, Herman pensou. Ela não parece uma mulher que tem uma filha crescida. Parece uma menina. O cabelo solto chegava aos ombros. Podia perceber seu corpo por baixo do roupão: cintura fina, quadris não muito largos. O rosto tinha uma brandura, uma maciez que não combinavam com a carta séria, quase severa que tinha escrito para ele. Ah, sim, onde está escrito que tudo tem que combinar? Toda pessoa é uma nova experiência no laboratório de Deus.

A mulher pegou o pires e cuidadosamente o colocou onde ele havia indicado. Ao voltar para sua cama de armar, calçou os chinelos. Pegou o termômetro de sua boca e foi ao banheiro, onde a luz estava acesa. Logo voltou. "Está sem febre. Graças a Deus."

"Você salvou minha vida", Herman disse.

"Foi minha avó quem me mandou aqui. Espero que tenha lido minha carta."

"Li, li, sim."

"Pelo que vejo, você se corresponde com meio mundo."

"Tenho interesse em pesquisa psíquica."

"É seu primeiro dia sem febre."

Durante algum tempo, ficaram ambos em silêncio. Então ele perguntou: "Como posso retribuir a você?"

A mulher franziu a testa. "Não precisa retribuir."

VII.

Herman adormeceu e viu-se em Kalomin. Era uma noite de verão e estava passeando com uma moça pela ponte, a caminho do moinho e do Cemitério Ortodoxo Russo, onde as lápides têm as fotos dos que estão enterrados. Uma grande esfera luminosa brilhava no céu, maior que a lua, maior que o sol, um

novo corpo celeste, incomparável. Lançava uma luz esverdeada sobre a água, fazendo-a transparente, de forma que se viam os peixes nadando. Não as carpas e os lúcios de sempre, mas baleias e tubarões de barbatanas douradas e chifres vermelhos, com a pele parecida com a das asas de morcegos.

"O que é tudo isso?", Herman perguntou. "O cosmos mudou? A Terra libertou-se do Sol, de toda a Via Láctea? Está para se transformar num cometa?" Tentou conversar com a moça a seu lado, mas era uma das mulheres enterradas no cemitério. Ela respondeu em russo, embora fosse também hebraico. Herman perguntou: "As categorias da razão pura de Kant não se aplicam mais a Kalomin?"

Despertou com um sobressalto. Do outro lado da janela ainda era noite. A mulher estranha estava dormindo na cama de armar. Herman examinou-a com mais cuidado agora. Não estava mais sussurrando, mas seus lábios tremiam de vez em quando. Sua testa enrugou-se quando sorriu no sono. O cabelo espalhava-se sobre o travesseiro. O acolchoado havia deslizado, e ele viu as dobras da camisola acumuladas sobre seu peito. Herman ficou olhando para ela, mudo de deslumbramento. Uma mulher tinha vindo a ele de algum lugar no sul, não uma judia, mas como Ruth tinha ido a Boaz, mandada por alguma Naomi que não estava mais entre os vivos.

Onde teria encontrado a roupa de cama?, Herman pensou. Já havia colocado ordem no apartamento, pendurou uma cortina na janela, removeu os jornais e manuscritos da mesa grande. Que estranho, não tinha tirado do lugar o mataborrão, como se soubesse que ele era o instrumento de um milagre.

Herman ficou olhando, sacudindo a cabeça de assombro. Os livros nas estantes não pareciam mais tão velhos e rasgados. Ela colocara alguma ordem nelas também. O ar que respirava não cheirava mais a mofo e pó, mas tinha uma qualidade úmida, fresca. Herman lembrou da noite de Páscoa em Kalomin. Só faltavam os matzos pendurados do teto. Tentou lembrar seu último sonho, mas só conseguiu recordar a luz extraterrena que caía sobre o lago. "Bom, os sonhos todos se perdem", Herman disse a si mesmo. "Cada dia começa com amnésia."

Ouviu um barulho ligeiro que soava como uma criança mamando. Herman sentou-se e viu Huldah. Parecia mais magro, fraco, e seu pêlo parecia grisalho, como se tivesse envelhecido.

"Deus do céu! Huldah está vivo! Ali está ele, bebendo leite no pires!" Uma alegria que havia experimentado poucas vezes tomou conta de Herman. Ainda não havia agradecido a Deus por trazê-lo de volta à vida. Sentira até algum res-

sentimento. Mas por manter vivo o camundongo tinha de louvar os Poderes Superiores. Herman encheu-se de amor pelo camundongo e pela mulher, Rose Beechman, que entendera seus sentimentos e, sem questionar, atendera a seu pedido, dando leite ao camundongo. "Eu não sou digno, não sou digno", murmurou. "É tudo pura Graça."

Herman não era homem de chorar. Seus olhos tinham continuado secos mesmo quando recebeu a notícia de que sua família havia morrido na destruição de Kalomin. Mas agora seu rosto estava molhado e quente. Não estava escrito que devesse carregar a culpa de um assassinato. A Providência, consciente de cada molécula, de cada grão de poeira, havia cuidado para que seu camundongo recebesse nutrição durante seu longo sono. Ou talvez fosse possível que um camundongo pudesse jejuar todo aquele tempo?

Herman ficou olhando intensamente. Mesmo agora, depois de passar fome tanto tempo, o camundongo não se apressava. Lambia o leite devagar, fazendo pausas, evidentemente confiante de que ninguém lhe tiraria aquilo que era seu por direito. "Pobre camundongo, sagrada criatura, santa!", Herman gritou para ele em seus pensamentos. E soprou-lhe um beijo.

Rose Beechman abriu os olhos. "Ah! Está acordado? Que horas são?"

"Huldah tomou o leite", Herman disse.

"O quê? Ah, é."

"Por favor, eu imploro, não ria de mim."

"Não estou rindo de ninguém."

"Você salvou não uma vida, mas duas."

"Bom, somos todos criaturas de Deus. Vou fazer chá."

Herman queria dizer que não era preciso, mas estava com sede e sentia a garganta seca. Sentia até um pouco de fome. Tinha voltado à vida, com todas as suas necessidades.

A mulher imediatamente se ocupou na quitinete, e logo trouxe para Herman uma xícara de chá com dois biscoitos. Aparentemente, havia comprado pratos novos para ele. Sentou-se na beira da cadeira e disse: "Bom, beba o chá. Acho que você não sabe o quanto esteve doente".

"Estou muito agradecido."

"Se eu tivesse chegado dois dias depois, não haveria o que fazer."

"Talvez tivesse sido melhor assim."

"Não. Pessoas como você são necessárias."

"Hoje eu ouvi você falando com sua avó", disse Herman, sem saber bem se devia dizer isso.

Ela ouviu e ficou pensativa, em silêncio, durante um momento. "É, ela esteve comigo esta noite."

"E o que ela disse?"

A mulher deu um olhar estranho para ele. Pela primeira vez Herman notou que tinha olhos castanho-claros. "Espero que não caço de mim."

"Deus do céu, nunca!"

"Ela quer que eu cuide de você; você precisa de mim mais do que minha filha: palavras dela."

Herman sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. "É, pode ser verdade, mas..."

"Mas o quê? Eu imploro, seja franco comigo."

"Não tenho nada. Estou fraco. Vou ser só uma carga..."

"Cargas existem para ser carregadas."

"É. É."

"Se quiser, eu fico com você. Pelo menos até se recuperar completamente."

"Quero, sim."

"Era isso que eu queria ouvir." Levantou-se depressa e virou-se. Foi até o banheiro, envergonhada como uma jovem noiva de Kalomin. Parou na porta, de costas para ele, a cabeça abaixada, revelando a nuca miúda, os cabelos despenteados.

Pela janela começava a aparecer uma luz cinzenta. A neve estava caindo, uma neve de amanhecer. Retalhos de dia e de noite se misturavam lá fora. Apareceram nuvens. Janelas, telhados e escadas de incêndio emergiram do escuro. As luzes se apagaram. A noite terminara como um sonho e a ela seguiu-se uma obscura realidade, auto-absorta, mergulhada no perpétuo mistério do ser. Um pombo estava voando pela nevasca, concentrado em cumprir sua missão. No radiador, o vapor já assobiava. Dos apartamentos vizinhos ouviam-se os primeiros gritos das crianças que acordavam, rádios tocando e donas de casa aflitas gritando e xingando em espanhol. O globo chamado Terra mais uma vez havia girado em seu eixo. As vidraças ficaram rosadas, sinal de que a leste o céu não estava completamente nublado. Os livros foram momentaneamente banhados em uma luz arroxeadada, que iluminava as velhas encadernações e os últimos resquícios dos títulos gravados a ouro e meio ilegíveis. Tudo assumia a qualidade de uma revelação.

262401
0.3

Copyright © 1982 by Isaac Bashevis Singer
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus
and Giroux, LLC, Nova York
Copyright da apresentação © 2004 by Moacyr Scliar

Título original
The Collected Stories ✓

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Ana Maria Barbosa
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Singer, Isaac Bashevis, 1904-1991
47 contos / Isaac Bashevis Singer ; tradução de José Rubens
Siqueira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

Título original em inglês: The Collected Stories
ISBN 85-359-0503-0

1. Contos iídiche 1. Título.

04-2689

CDD-839.0933

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura iídiche 839.0933

DEDALUS - Acervo - FFLCH



[2004]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

- 7 *O mundo de Singer* — Moacyr Scliar
- 15 *Nota do autor*

- 17 Gimpel, o bobo
- 31 O cavalheiro da Cracóvia
- 47 Alegria
- 57 Os pequenos sapateiros
- 79 O invisível
- 104 O Spinoza da rua do Mercado
- 120 A destruição de Kreshev
- 161 Taibele e seu demônio
- 172 Sozinho
- 182 Yentl, o menino da yeshiva
- 206 Zeidlus, o papa
- 217 O último demônio
- 227 Breve sexta-feira
- 238 A sessão espírita
- 249 O abatedor
- 260 O violinista morto
- 287 Henne Fogo
- 298 O escritor de cartas
- 328 Um amigo de Kafka
- 339 A cafeteria
- 356 A piada
- 374 Poderes
- 389 Tem alguma coisa lá
- 413 Uma coroa de penas
- 435 Um dia em Coney Island
- 446 O cabalista de East Broadway
- 453 Uma citação de Klopstock